

Duarte Manuel Roque de Freitas

Pelos trilhos
do património cultural madeirense:
a Romaria de Nossa Senhora do Monte



 apenas

Nota: Trabalho elaborado no âmbito do Seminário *Património Cultural: Teoria e Prática*, do III Mestrado de *Museologia e Património Cultural* (2004/2005) da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, leccionado pelo Doutor José d'Encarnação.

© Apenas Livros Lda.,
Duarte Freitas

Al. Linhas de Torres, 97, 3º dto.
1750-140 Lisboa
Tel/fax 21 758 22 85
geral@apenas-livros.com

Depósito legal nº
ISBN: 978-989-618-
1ª edição: 250 exemplares
de 2009
Publicação nº

Foto do rosto, 2003-08-14: subida para o
Santuário de Nossa Senhora do Monte
(Duarte Freitas)
Revisão de Luís Filipe Coelho

Colecção OFIUSA,
Dirigida por: Gabriela Morais
gabrielfmorais@gmail.com

www.apenas-livros.com

É uma ilha em forma de cão sentado com a cabeça inclinada para perscrutar o enigma da água. O cão tem as orelhas fitas porque recebe notícias de vento ao mesmo tempo que cheira e olha o mar. O cão está sentado no atlântico.

Photomaton & Vox, Herberto Helder

[...] a fadiga não lhes deu sociedade e é já, antegozando esse prazer que abrange tanto o corpo como a alma, que cada um envia, cá do mar, um olhar de despedida ao branco templo, murmurando para si, entre uns laivos de saudade:

– Adeus Senhora, até para o ano [...].

Nossa Senhora do Monte, J. Reis Gomes.

Introdução

Podemos olhar para a festa como um fenómeno comum a todos os povos do mundo. Esta manifestação humana de cariz lúdico, organizada no intuito de comemorar um acontecimento ou data marcante, opõe-se aos rigores impostos pela vida quotidiana (revistos no trabalho contínuo, na monotonia repetitiva e, por vezes, na gestão apertada dos recursos), tendo em si um poder regenerador que faz emergir um caos pontuado de excessos, alegria expansiva e dimensão lúdica, regada, por vezes, de vários «[...] *elementos dionisíacos*»¹. Nela podemos incluir as romarias, autênticas peregrinações populares a lugares considerados sagrados (santuários ou localidades) onde se veneram santos ou evocações de pessoas divinas, constituindo-se um misto de manifestações religiosas (tais como o pagamento de promessas, a missa e a procissão) e aspectos de teor profano (o arraial e exteriorizações afins de folia em torno do espaço físico do santuário). Em Portugal, estas festividades realizam-se, em maior número, no período anual entre Maio a Outubro, altura em que a menor intensidade do trabalho agrícola permite que o povo vá em peregrinação aos santuários onde habita a sua fé², em actos de pagamento de promessas feitas a um determinado orago e, depois da obrigação religiosa, em acções lúdicas, libertadoras do peso árduo e asfíxiante do seu dia-a-dia.

Infelizmente, nalgumas romarias um pouco por todo o nosso país, vamos assistindo a uma quebra significativa de elementos típicos nelas inerentes e à adaptação de outros que nada têm a ver com o seu património cultural local/regional. Esta afirmação não pressupõe o culto religioso em si, que obviamente diminuiu nos últimos anos. Falamos sim nos cantos tradicionais, nas danças, na gastronomia, nos rituais, nos objectos típicos destas ocasiões festivas, frutos de um património material e imaterial que

está na base da identidade popular portuguesa, baseada em actos seculares que dão conta da maneira de ser e de fazer de um povo.

Nas nossas deambulações mais recentes pela principal romaria da Madeira – a de Nossa Senhora do Monte (realizada nos dias 14 e 15 de Agosto) – olhámos com preocupação para a ausência de alguns aspectos específicos da identidade regional que, em anos anteriores, constituíam uma presença frequente nesta ocasião festiva. Em vez dos típicos cânticos ao despique em grupos de músicos espalhados um pouco por todo o arraial, encontrámos sons anglo-saxónicos mediatizados de carácter muito pouco regional. Notámos também uma quase-ausência do tradicional bolo do caco que, com a sua confecção, incutia um cheiro bem característico ao arraial e, ao invés disso, encontraram-se à venda produtos alimentares empacotados de grandes marcas multinacionais, completamente desenquadrados com as nossas concepções visuais das romarias regionais madeirenses.

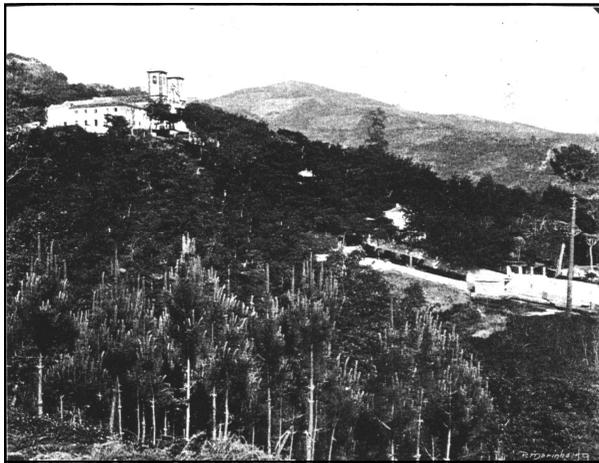
A nossa preocupação em relação à preservação do património cultural madeirense (em especial o imaterial) e, conseqüentemente, à perda de algumas características tradicionais da Romaria de Nossa Senhora do Monte fez com que nascesse este opúsculo, que pretende analisar a referida romaria, sob a forma de um acto festivo que constitui de per si um património e um espaço de encontro de vários patrimónios culturais da Região Autónoma da Madeira. Para além da nossa visão actual e crítica do referido fenómeno festivo (que fomos adquirindo com o conhecimento de algumas das principais tradições regionais e com uma presença constante na romaria desde os nossos tempos de criança), nesta investigação optou-se por interligar o passado com o presente, procurando algumas especificidades regionais da Romaria de Nossa Senhora do Monte, através de uma pequena pesquisa efectuada em alguns periódicos madeirenses do princípio do século XX e em obras de referência de etnografia e história do arquipélago.

Tendo em conta a sua estrutura, num primeiro capítulo abordaremos a génese do referido culto e sua ligação à religiosidade madeirense. Num segundo ponto referir-se-ão os vários patrimónios que podemos encontrar na romaria, desde o *ir à romaria*, os seus ritos religiosos e a parte profana da festa, revista no arraial em si. O último capítulo abordará, de maneira breve, os emigrantes e o que podemos chamar de *exportação* do culto de Nossa Senhora do Monte para territórios ligados à diáspora madeirense.

Espera-se assim atingir os objectivos descritos, de modo a podermos consciencializar os leitores para a preservação de alguns dos elementos mais característicos que fazem parte do *sentimento de si* colectivo do povo madeirense.

1 – A gênese do culto de Nossa Senhora do Monte e a sua importância na religiosidade madeirense

A cinco quilómetros a norte do centro da cidade do Funchal situa-se um dos locais mais aprazíveis da ilha da Madeira: uma pequena freguesia rodeada por serra, impondo-se, no meio de tanta vegetação, um



majestoso santuário com duas torres brancas e uma cúpula, templo este guardião da pequena e lendária imagem de Nossa Senhora do Monte. Esta tem em si a responsabilidade do nome adoptado por esta localidade (freguesia do Monte) que, em alguns sítios, nos sugere nunca ter

sido tocada pelo homem, não nos parecendo de todo descabido o epíteto que ganhou, nos finais do século XIX, de *Sintra da Madeira*³.

Todo este ambiente paisagístico, com uma aparente calma quotidiana, é radicalmente modificado durante o mês de Agosto de cada ano (época dedicada ao culto mariano em Portugal), realizando-se, nos dias 14 e 15, a romaria votiva à referida imagem, com participação de dezenas de milhares de madeirenses, que, durante alguns momentos, deixam as suas terras e afazeres e se deslocam ao santuário de cor alva para celebrar a festa dedicada à Virgem do Monte. A sua fé nesta imagem simbólica, invocada pelos populares nas várias situações de angústia e aflição, e crença na sua acção e sua intercessão divina são as verdadeiras pedras basilares que ainda fazem convergir, nos dias de romaria, vários madeirenses devotos.

A gênese do seu culto não é explicitada em termos histórico-temporais, sendo remetida para uma narrativa lendária que se perde na memória dos tempos e ainda hoje continua bem presente na tradição oral madeirense. Nela encontramos a legitimação da intervenção de uma personagem divina no quotidiano humano, logo nos primeiros anos do

povoamento, assumindo assim a necessidade de [...] *consagrar esses primeiros actos de humanização pela presença do sagrado*⁴. Esta fé inabalável do povo madeirense em Nossa Senhora do Monte tornou-se um dos principais dogmas da já de si acentuada religiosidade popular que, devido à sua condição de isolamento insular, desde sempre deu grande importância aos desígnios e ensinamentos da *Bíblia*.

Tivemos algumas dificuldades em situar no tempo a génese do culto de Nossa Senhora do Monte e sua respectiva lenda, visto não dispormos de informações históricas suficientes que possam suportar quaisquer teorias explicativas. O único pormenor considerado válido e que nos é indicado em algumas obras de vários eruditos relata-nos que, por ocasião do surgimento da referida lenda, existia, na actual freguesia do Monte, uma pequena ermida dedicada a Nossa Senhora da Encarnação⁵ (templo esse que surge bem explícito na referida narrativa), mandada construir no ano de 1470 por Adão Gonçalves Ferreira, contemporâneo dos primeiros capitães dos donatários⁶.

Aproveitando um famoso dito popular *quem conta um conto acrescenta um ponto*, salientamos desde já a existência de diversas versões da lenda da imagem de Nossa Senhora do Monte, fruto de uma tradição oral vinda de geração em geração, embora todas elas tenham o mesmo fio condutor. Na apresentação do seu teor narrativo (e não querendo nós acrescentar um *ponto* ao *conto*) optámos por nos basear na versão apresentada no livro *Cousas da Madeira* de Fernando de Aguiar, porque, em nossa opinião, o referido erudito consegue incluir alguns pormenores que pensamos ser essenciais para a sua compreensão⁷.



A lendária *estória* reza o seguinte: no Terreiro da Luta⁸ (um descampado ainda distante da Ermida de Nossa Senhora da Encarnação) uma menina apascentava o rebanho quando, certo dia, lhe apareceu uma formosa senhora com quem brincou e merendou. Quando chegou a casa, a criança contou ao seu pai o sucedido, mas este não lhe deu atenção, pois seria impossível naquele local aparecer alguém. No dia seguinte, o pai, para tirar as teimas, segue a criança e



encontra-a a conversar com uma pequena estátua de Nossa Senhora. Este mostra-se à filha e ela refere que fora aquela senhora a sua companheira. O pai, admirado, participou o facto às autoridades, tendo sido decidido conduzir a imagem em procissão até a Ermida de Nossa Senhora da Encarnação. Na manhã do dia seguinte, esta apareceu miraculosamente no exterior da ermida ao pé duma fonte perto do templo. Levaram-na de novo para a ermida e daí por diante a população denominou a estátua de Nossa Senhora do Monte⁹.

No *Romanceiro Madeirense* (uma importante compilação do património imaterial do arquipélago em forma de poemas e trovas populares, recolhida durante a segunda metade do séc. XIX) encontramos vários romances dedicados à Nossa Senhora do Monte, entre os quais duas variantes da referida lenda, embora se possam verificar algumas pequenas diferenças em relação à versão aqui relatada, e ainda dois cantos de foro genuinamente popular que permanecem, actualmente, na tradição oral madeirense, ligados a supostas intercessões de Nossa Senhora do Monte em determinados acontecimentos do arquipélago, tais como a invasão de corsários à cidade do Funchal (data dos finais do século XVI) e a uma procissão realizada pelas ruas do Funchal, que pensamos estar relacionada com a grande seca de 1749. Embora possamos pecar pela sua extensão, reproduziremos de seguida os dizeres genuínos do povo madeirense que já se vão perdendo na sua própria memória e identidade.

I – Aparição de N.^a S.^a do Monte

*Em Agosto à lua sentada
Uma piedosa velhinha
Esta mui curta singela
E solene historiiazinha,
Dobrando fio contava
A sua linda netinha!*

*«D'aquí não era oriundo
Gonçalo Ayres Ferreira
Mas foi quem primeira filha
E filho deu à Madeira:
Adão chamou o segundo
Eva chamou a primeira*

*Era um novo Paraizo
N'este Funchal rescendente
Com tão floridos vales
N'este arvoredo frondente,
Com seu Adão e sua Eva
Sem tentadora serpente.*

*Junto a rígida fonte
Ali perto morava
Uma simples orphãzinha
Que o seu gado apascentava
Assim simples como tu,
Como tu, cara netinha,
Assim quietinha, assim boa
Era aquela pastorinha.*

*Da serra voltando alegre.
Ao velho pae trouxe um dia
Dourados pomos, que a terra
Ainda aqui não produzia;
E doces, divinos confeitos,
Cousa que então ninguém fazia.*

*- Quem te deu tão boas cousas?
- O bom pae à pastorinha
Perguntou maravilhado.
- É a menina que à tardinha
Vem sentar-se a merendar
Comigo junto à fontinha*

II – Aparição de N.^a S.^a do Monte (Outra variante)

*No correr d'este ribeiro
Longe d'esta fonte fria,
Uma pastora mocinha
Com seu pae além vivia;
Seu gado a pastorar
Inda manhã mal rompia,*

*Duvida o pae e resolve
A filha um dia espreitar;
Chega à frente, pasma o velho,
Vê a filha a merendar
E da Mãe de Deus a Imagem
Junto d'ela a cintilar.*

*Quem era pois a menina
Concebeu logo o pastor;
Essa dita coube à filha,
Coube à filha um tal favor.*

*Logo que do caso soube
Gonçalo Ayres Ferreira
Construiu uma capela
À Imagem tão verdadeira,
Tudo ahi vae adorai-a,
Em peso toda a Madeira.*

*Abriu os cofres o rico,
O pobre deu quanto tinha,
Fundou-se um tempo soberbo
Qual à Mãe de Deus convinha,
Que para a sua santa Imagem
Era humilde a capellinha*

*Á hora do pôr do Sol
Com seu gado recolhia.
Voltando ela p'ra casa
Pela noitinha d'um dia,
Noregaço do saiote
Confeitos, maçãs trazia:*

*E nem maçãs, nem confeitos
Na ilha não nos havia;
Tudo era setão bravo,
Rara casa moradia.*

*– «Que cousas são estas, filha?
Ninguém aqui as teria!»
– «Linda senhora m'as deu,
Que outras tantas trazia:
É certa todas as tardes
Li além, à fonte fria;
Fala e reza comigo,
E' ela minha companhia».*

*No outro dia vindouro
Ele se pôz de vigia;
E seus mesmos olhos viram
Que a filha não mentia:
Viram divina imagem
Da Virgem Santa Maria;*

*A imagem a sorrir,
E a filha que comia:
O pae viu a Virgem Santa
Em imagem que sorria;
Mas a filha, innocente,
Em viva carne a via.*

*Diz o pastor: – «Ó milagre!
Venham todos à porfia;
Apar'ceu aqui no Monte
A Virgem Santa Maria!»*

*Gonçal' Ayres, mal o soube,
Uma capela fazia;
E na capela devota
Nossa Senhora metia,
Mas a senhora, soidosa,
P'ra sua fonte fugia,
A falar à pastorinha,
Sua fiel Pastoria,
Vae então todo o povo
Sem faltar a fidalguia,
Melhor igreja levantam,*

*Cada qual como podia:
E em procissão levaram
A Santa Virgem Maria,
Que, vendo tamanha fé,
Lá ficou de moraria.*

*Em prova d'este milagre
Vêd'ahi a fonte fria;
A senhora na igreja
E cada anno romaria.*

III – Milagre de N.^a S.^a do Monte

*Fuge, fuge dos corsarios,
Oh, herejes qu' eles são!
Não há igreja, mosteiro,
Nem altar onde não vão!
Os corsarios herejes
São diabos homens não!
Lá vem um por ahi arriba,*

*Minha Senhora do Monte,
De lá vos vae arrancar,
E na pedra dos degraus
Vos joga, p'ra vos quebrar
Vossa igreja tremeu
D'este tamanho peccado,
Os sinos d'ela dobraram,*

*Tocando desintoado;
Água benta secou;
Apagou lume sagrado!
E vós, Senhora do Monte,
A rir no Céu, sem cuidado!
Vossa imagem, inteira;
O degrau, esmigalhado;*

*E o hereje maldito,
No inferno abraçado!*

*Ó Senhora milagrosa,
No mundo tão venerada,
Nenhum hereje s'atreva
Contra vós, que sois sagrada.*

IV – Procissão

*Virgem Senhora do Monte,
Bem vos podeis prepara;
Santos de oito freguezias
Vós deveis visitar,
Que vos vem pedindo água
Para os seus campos regar.*

*Aplicae as passadas
O sol já se está pondo
Nossa Senhora do Monte
Chegadinha a São Martinho,
Senhora, venho cansado
De tão fragoso caminho.*

*Ó Virgem minha Senhora,
Quanto mais seca na ilha
Quanto mais água na fonte,
Por ser o grande milagre
Que faz a Virgem do Monte*

*São Martinho Traz consigo
Gente dos Peornaes
Chorando lágrimas triste
Dando suspiros e ais!*

*Nossa Senhora do Monte,
Chegada a Santa Luzia,
Estrela do céu brilhante
Em ponto do meio-dia.*

*Dizendo, minha Senhora,
A sede vós nos mataes
Que secam as nossas vinhas
Trigos e canaviaes.*

*Santa, pura donzela,
Claro sol de verão
Quiseste ser a primeira
Com a vossa protecção.*

*As freiras de Santa Clara
Pedem à Virgem do Monte
Que lhe querem falar de perto
A igreja está lá defronte.*

*Nossa Senhora do Monte
Chegadinha à Encarnação
Trazia a chuva consigo
Que já orvalhoava o chão.*

*Nossa Senhora do Monte
Também há-de ir ás Mercês
Que são freirinhas honestas
E por Santas Deus as fez.*

*Nossa Senhora do Monte
Chegadinha a Santo António*

*Nossa Senhora do Monte
Chegadinha a São Pedro*

*Traz a chaves da gloria
Ao demônio mete medo.*

*Nossa Senhora do Monte
Chegadinha à do Calhau
A subida às altas nuvens
Hoje desce mais um grau.*

*Nossa Senhora do Monte
Chegadinha a São Gonçalo
Por causa dos meus freguezes
Eu tomei este abalo.*

*Não o tomei pelo abalo
Como tomei pelo meu brio
Venho vos pedir Senhora,
Como os mais santos vos pediram*

*Assubi, minha senhora,
Assubi por esses montes,
Que o vosso vigário chora*

*Ele chora ao pé da fonte,
Chora de noite e de dia
Que lhe levem a Senhora
Que era sua companhia.*

*Quando este seu ministro
Se chega para o altar
Com lágrimas de saudades
À divina foi falar.
Quando se abriu a vidraça
Para tirar a divina
Altos montes a brandar:
Lá vae a nossa rainha!
Logo se encobrio o sol
Tudo se encheu de lubrina.*

*Não ficou preto nem branco
Nem fidalgo, nem vilão,
Nem padre, nem frade
Que não fosse à procissão¹⁰.*

Não teríamos espaço suficiente para salientar as dezenas de acontecimentos históricos de índole trágica em que foi pedida a sua intercessão para atenuar as calamidades que assolaram o arquipélago. Destacamos somente os acontecimentos de 9 de Outubro de 1803, relacionados com um aluvião que se abateu por toda a ilha, levando, um ano mais tarde, o papa Pio VII a colocar a ilha da Madeira sob o patrocínio de Nossa Senhora do Monte¹¹, advindo daí, pela primeira vez, o reconhecimento da Santa Sé do seu culto e festividades, que desde tempos imemoriais já havia sido confirmado pela crença e afecto do povo madeirense.

Um dos actos tradicionais que demonstra a devoção do povo à Senhora do Monte (e que na actualidade, caiu no esquecimento) é o de baptizarem com o nome de Maria do Monte todas as crianças do sexo feminino nascidas na véspera e no dia da grande romaria¹², na pretensão de estas terem, na sua identificação pessoal, a marca sagrada de um culto devoto dos e de estarem sob a sua guarda divina durante toda a vida.

Perante tudo o que se disse, podemos constatar a devoção do povo madeirense e o seu sentido de pertença relativamente à pequena ima-

Retirar
dos ????

gem, simbolicamente guardada num local paradisíaco, onde, num movimento cíclico renovado de ano para ano, é visitada por milhares de romeiros que, saindo das agruras igualmente cíclicas do quotidiano, prestam homenagem a um culto que ainda faz parte integrante da identidade colectiva regional.

2 – A romaria e seus rituais

As romarias são espaços de festa onde o sagrado e o profano se interligam, existindo em ambos uma matriz cultural específica do sentido de pertença regional. Nos vários cantos da festividade deparamos com diversos rituais tradicionais que demonstram a expressão e o testemunho da criação de um povo, constituindo-se num verdadeiro património imaterial vivo. A convergência de várias gerações de habitantes regionais faz com que estas tradições e rituais regionais sejam passadas de geração em geração, através da sua assimilação pelos mais novos, criando-se assim um momento singular de preservação da memória colectiva local.

A Romaria de Nossa Senhora do Monte, nos dias 14 e 15 de Agosto, constitui um campo privilegiado de encontro de vários patrimónios culturais madeirenses, de índole religiosa e profana, sendo um local privilegiado para a manutenção da identidade insular. Não é nossa pretensão a descrição pura e simples do património popular madeirense que se observa actualmente na referida manifestação festiva. Para além disso, queremos chamar a atenção para a preservação de algumas possíveis perdas e adulterações patrimoniais, bem como para ritos pretéritos que caíram no esquecimento, devido ao evoluir dos tempos modernos.

a) O *ir à romaria*

Actualmente, no dia 14 de Agosto, os Madeirenses deslocam-se comodamente de automóvel ou de teleférico até à freguesia do Monte para fazer parte integrante na festa. Tal não acontecia em épocas pretéritas em que o *ir à romaria* tornava-se num dos rituais mais característicos e marcantes de todo o movimento em torno da festividade de Nossa Senhora do Monte. Esta antiga tradição perdeu-se, tendo sido ultrapassada pelo avanço tecnológico dos tempos modernos e pelo aumento da capacidade de compra de meios de transporte.

Nalguns relatos dos primeiros anos do século XX encontramos uma série de ritos, entretanto perdidos, realizados ao longo de todo o cami-

nho que os levava até à freguesia do Monte. Os preparativos para o dia da partida eram iniciados, nas várias freguesias da ilha, uma semana antes da romaria, sendo combinada pelos populares a formação de um grupo musical e a hora da partida que, geralmente, era marcada para a madrugada do dia 14 de Agosto¹³. Poucos minutos antes da saída do grupo, era soprado um grande búzio de abertura larga¹⁴, emitindo um som grave e audível que tinha como função chamar os romeiros para se poder dar início à peregrinação. Estes levavam consigo cestas com as merendas onde se guardava a carne para a espetada e as tradicionais rosquilhas (uma espécie de pão doce) e o vinho que seria, sem dúvida, um companheiro fiel desta aventura, armazenado, como manda a tradição, em cabaças e em bexigas de porco¹⁵. Andando em peregrinação, os populares não se remetiam ao silêncio, mas exaltavam a sua alegria em ritmos de danças e ao som de despiques improvisados, rivalizados por duas ou mais pessoas. Eram também cantadas trovas de louvor a Nossa Senhora do Monte, que enalteciam as suas qualidades de milagreira, invocavam a sua protecção e falavam do caminho a percorrer, acompanhadas ao som de instrumentos típicos, tais como as castanholas, harmónios, violas de arame, rajões, rabecas e violas braguesas, executando melodias tradicionais: o *xaramba*, a *mourisca* e o *lundum*¹⁶. A memória dos mais velhos ainda preserva as quadras que ora reproduzimos:

*Este caminho do Monte
Eu vou mandar varrer
Com uma vassoura de prata
Que de oiro não pode ser*

*Este caminho do Monte
Escorrega sem chover
Quem nele tomar amores
Nunca se pode esquecer*

*Nossa Senhora do Monte
O que tem para os seus romeiros?
Água fresquinha da fonte
Sombrinha dos castanheiros*

*Nossa Senhora do Monte
É alvinha, cor da neve*

*Se eu nasci para a des-fortuna
Nossa Senhora me leve*

*Este ano eu vim ao Monte
Para o ano à Ponta Delgada*

*Este ano vim solteira
Para o ano virei casada
Nossa Senhora do Monte
Do vosso adro eu vos digo
Não venho mais á vossa festa
Sem trazer amor comigo*

*Nossa Senhora do Monte
Mandou dizer à da Graça
Que lhe desse uma amostrinha
Do seu vestido de cassa*

*Nossa Senhora do Monte
Tem um filho serrador
Para serrar a madeira
P'ra capela do Senhor*

*Nossa Senhora do Monte
Tem um moinho de mão
Para moer as mentiras
Que os seus romeiros lhe dão*

*Nossa Senhora do Monte
Pequenina e bem feitinha
No dia do meu noivado
Há-de ser minha madrinha*

*Nossa Senhora do Monte
É madrinha do João
Também eu sou afilhado
Da Virgem da Conceição*

*Não cortem as oliveiras
Que estão por cima da fonte
Dão azeite que alumia
Nossa Senhora do Monte*

*Nossa Senhora do Monte
Deparai-me o que eu não tenho
Uma menina bonita
Que seja do meu tamanho¹⁷.*

A alegria inundava as ruas do centro da cidade do Funchal à medida que os romeiros chegavam com os seus cânticos e danças populares e se dirigiam até ao santuário, através de um caminho íngreme e tortuoso, denominado pelo povo de *Caminho do Monte*¹⁸. Neste percurso, a agitação era constante com a circulação de romeiros, que faziam [...] *sucessivas estações pelas portas*



*das vendas ornamentadas de louro e de murta [...]*¹⁹, instalando-se muitas vezes a confusão, porque, para além dos peregrinos, os cavalos de aluguer e os, ainda típicos, carros do Monte deslocavam-se a grande velocidade na mesma via²⁰.

Longe vão os tempos em que a Festa de Nossa Senhora do Monte era vivida não só ao pé do santuário mas em todos os caminhos da ilha pisados pelos romeiros, que, com a sua fé e alegria, se deslocavam até ao centro de toda a devoção madeirense.

Resta-nos, hoje, lembrar estes rituais perdidos, para que não se percam de vez da nossa memória colectiva e – quem sabe? – um dia, possam ser de novo retomados, através de uma reconstituição do que consideramos ser o verdadeiro sentido do *ir à Romaria* de Nossa Senhora do Monte.



b) Manifestações religiosas

Chegados à freguesia do Monte, a principal preocupação de alguns romeiros passa por cumprir os seus deveres religiosos, através de ritos católicos que encontramos em quase todas as romarias portuguesas. Tradicionalmente, o primeiro ritual realizado na romaria é o de beber água da fonte, onde, segundo a lenda, a imagem de Nossa Senhora apareceu miraculosamente depois de ter pernoitado na Ermida de Nossa Senhora da Encarnação. Esta encontra-se no Largo da Fonte, onde os romeiros se prestam a algumas orações e bebem a sua água fresca, considerada, por muitos, como milagrosa²¹. Segue-se a deslocação até ao santuário onde milhares de romeiros sobem os sessenta e oito degraus até à fachada ornamentada do templo, encontrando-se exposta a lendária imagem de Nossa Senhora do Monte. Ao longo de toda a escadaria observa-se o cumprimento de promessas, feitas em determinados momentos da vida, em que fora pedido à Virgem do Monte o seu auxílio e intercessão na realização de determinado (s) objectivo(s) (geralmente ligados com a saúde pessoal ou familiar), sendo oferecidos em troca determinados rituais, de modo a liquidar a sua súplica, acto este que consideramos ser o arquétipo de uma economia de troca entre dois mundos distintos: o celestial e o terreno. Tanto no passado como no presente, conseguem presenciar-se na romaria os mesmos ex-votos, revistos em círios da altura de quem recebeu o benefício, modulações antropomórficas de cera, pequenos quadros que representam graficamente a situação que levou à formulação do pedido, promessas de características



mais violentas²², tais como a subida da escadaria de joelhos e o arrastamento pelo chão dentro do santuário²³. É no interior do espaço sagrado que os populares vêm atingido o seu êxtase devocional, com a presença real da centenária imagem de Nossa do Monte, exposta no altar-mor. Com um ambiente propício à devoção, através do som de cânticos e de orações pessoais, o povo crente desfila dian-

te da imagem, no intuito de beijar a orla do seu manto dourado, concretizando assim um contacto físico com a representação simbólica do divino.

No dia seguinte (dia 15 de Agosto), as manifestações religiosas continuam através da celebração eucarística logo pela manhã, com presença avultada dos devotos que deixam o arraial profano para a participar num ritual colectivo no espaço sagrado, seguindo-se a saída, em procissão, da imagem Nossa Senhora do Monte, transportada num andor pelos irmãos da sua confraria, percorrendo, por momentos, os caminhos profanos do arraial e do quotidiano humano, despedindo-se assim da população que a acompanhou nos dias de romaria.

c) Manifestações profanas (o arraial)

Nos dois grandes dias da romaria, toda a freguesia do Monte se encontra ornamentada com os símbolos tradicionais dos espaços de festa madeirenses, revistos nos arcos e mastros cobertos de louro, murta e folhas de palmeira, com retoques de hortênsias, alecrim e malvas vermelhas, bem como iluminações de diferentes cores, que dão à noite do arraial um ar de presépio ao ar livre. Não poderiam deixar de estar presentes os típicos galhardetes e bandeiras com a cruz de Cristo a vermelho²⁴, evidenciando reminiscências de um passado que remonta aos primeiros tempos da colonização madeirense.

No que compete ao património gastronómico regional, nos vários cantos do arraial instalam-se barracas feitas de madeira e cobertas com ramos de loureiros, onde encontramos à venda carne para a confecção das típicas espetadas madeirenses, temperadas somente com sal, enfiadas em espetos de pau de loureiro e assadas individualmente pelos romeiros nas brasas de fogueiras feitas no chão ao acaso ou em braseiros instalados para o efeito. Nas restantes bancas vendem-se os chamados *rebuçados do arraial* (enrolados com papéis verdes, azuis e vermelhos, enfiados ao pescoço como uma espécie de colar), as cavacas, as rosquilhas de centeio e os tradicionais bolos do caco (pão espalmado de farinha de trigo, que se pensa ter influência magrebrina), cozidos em pleno ar livre sobre uma banca de ferro, dando, juntamente com as espetadas, um cheiro característico aos arraiais madeirenses.

Actualmente, ainda podemos encontrar à venda uma das principais imagens de marca desta romaria, as típicas bonecas de massa feitas de farinha de milho açafreado e enfeitadas com pequenos retoques de papéis azuis e vermelhos. No passado, estas seriam uma espécie de objecto de memória que indicava uma anterior presença dos romeiros no arraial, acarretando em si a simbologia de todo o espírito religioso e profano da romaria. Infelizmente, na actualidade, a continuação da sua confecção está posta em causa,



devido ao recente falecimento de uma senhora de idade muito avançada que conhecia como ninguém os trâmites desta singela arte popular madeirense.

Contrastando com o silêncio e contemplação das manifestações religiosas no espaço sagrado, sons específicos da alegria e folia do arraial espalham-se por todo o espaço profano, através do fogo-de-artifício (que anuncia à região o epicentro das festividades), dos grupos folclóricos, bem como a música cantada e dançada pelos próprios romeiros.

No que compete a este campo, salientamos de novo as nossas críticas quanto à actual introdução descontrolada e massificada de sons musicais que em nada se identificam com as características peculiares deste arraial. Embora em *vias de extinção*, ainda se encontram, um pouco por todo o arraial, os tradicionais despiques e desgarradas tão características do povo português, que se prolongam desde a noite da véspera até à madrugada do dia da festa. Nos vários largos da estância do Monte, o povo dá azo ao seu divertimento através desta tão popular arte musical, iniciada com a formação de pequenas rodas, estando no centro os músicos com os seus instrumentos tradicionais (o brinquinho, as braguinhas, violas de arame, acordeões, rabecas, bombos) e os cantadores e cantadeiras que se desafiam mutuamente, através de um diálogo improvisado em forma de rima (encontrando-se aí, muitas vezes, autênticos poetas populares), com palavras de ironia, impetuosidade e menosprezo mútuo, chegando, por vezes, à injúria, embora, no final, tudo acabe em bem, como podemos presenciar nos versos aqui transcritos, recolhidos por J. Reis Gomes:

– *Que lindos olhos vieram
Hoje a esta romaria:
Cada dois com o seu derriço
Cada dois com companhia.*

– *Se são lindos os do campo,
Os de cá matam de amor:
'tô vendo uns que tir'o folgo
Ao primeiro cantador.*

– *O dono d'esta viola
Faz do charamba um trovão.*

*Mas nam m'assusta qu'os raios
Cahem-lhe ao pé do bordão.*

– *O trovão inda o mais rijo
Nam é que o há-de abraçar:
O perigo 'stá nos coriscos
Que a moça tem no olhar.
E junto áquella parede
Ai, Senhora Santa Bárbara,
'tão elles a fuzilar²⁵.*

Remetendo ainda para tempos pretéritos, ao contrário do que acontece na actualidade, os romeiros permaneciam os dois dias de romaria na freguesia de Monte, pernoitando alguns deles na *Casa dos Romeiros*²⁶, um edifício situado ao lado do templo, de construção muito antiga com dois pequenos andares. Hoje, da referida casa resta apenas o nome, visto ser utilizada com fins diversos dos de outrora. Não se pretende reabilitar uma tradição que o tempo levou e que se torna desadequada no nos dias actuais mas, ao invés disso, sugerimos que este edifício possa constituir

uma mais-valia como um espaço onde se efectue o estudo, a divulgação, recuperação e a exposição do património cultural madeirense, em especial, o da própria Romaria de Nossa Senhora do Monte.

3 – Os emigrantes e a exportação do culto de Nossa Senhora do Monte

As limitações terrestres do arquipélago madeirense levaram a que, desde os primeiros tempos da colonização, este tivesse uma elevada taxa de emigração, fazendo com que uma parte substancial dos seus habitantes procurasse melhores condições de vida e de trabalho pelos quatro cantos do mundo. Países como África do Sul, Venezuela, Brasil, Austrália, Canadá e Estados Unidos da América são os mais recentes destinos escolhidos pela comunidade madeirense e seus descendentes que, actualmente, ultrapassam o elevado número de um milhão de pessoas²⁷ espalhadas por diversas regiões do globo.

Tal como os habitantes da Grécia Antiga que, em pleno século VIII a. C., emigraram para o Mediterrâneo, levando consigo a sua língua, a sua religião e os seus costumes; com a diáspora madeirense, as suas raízes e cultura insular não foram esquecidas, mas sim levadas pelos emigrantes e lembradas nas terras onde se fixaram, através da realização de rituais semelhantes aos praticados no arquipélago, não esquecendo obviamente a sua religião e devoção a Nossa Senhora do Monte.

Uma das principais tradições bem antigas que demonstram a ligação profunda entre os emigrantes e o referido culto é realizada ainda em solo madeirense, com a participação dos futuros emigrantes nos dias de Romaria de Nossa Senhora do Monte, aproveitando assim a deslocação ao santuário para visitar, quiçá pela última vez, a imagem, pedindo-lhe a bênção e a protecção na sua decisão de abandonar a ilha²⁸.

Com o retorno periódico ao arquipélago de alguns emigrantes com melhores condições monetárias, muitos aproveitam a sua estada temporária na época do Verão para poderem assistir à romaria do Monte. Desde o início do século XX que encontramos nos periódicos madeirenses o registo do pagamento de ex-votos por parte de emigrantes e a sua participação na organização das novenas²⁹ de preparação para a romaria, demonstrando, por vezes, uma generosidade monetária excessiva, que, em nossa opinião, cai na pretensão de afirmar, perante as pessoas que o viram partir, a sua *nova* posição financeira.

Podemos encontrar, um pouco por todo o mundo, várias associações criadas por emigrantes madeirenses que têm como principal função a

união dos patricios através da realização de actividades tradicionais que invoquem a sua identidade e o seu sentido de pertença. Temos assim a edificação actual de várias casas da Madeira (África do Sul, Venezuela, Estados Unidos da América, Reino Unido, Austrália, Canadá e Brasil), fundação de grupos folclóricos que adoptaram as danças, cantares e tradições insulares (África do Sul, Estados Unidos, Curaçau, Brasil e Austrália) e a criação de clubes-satélites ligados às principais equipas madeirenses de futebol, tais como o *Marítimo* (África do Sul, Venezuela) e o *Nacional* (Canadá)³⁰. O culto ligado à Romaria de Nossa Senhora do Monte foi levado por estes até às terras longínquas onde se fixaram. Nos dias 14 e 15 de Agosto a sua romaria é festejada dentro das referidas associações, como também em manifestações públicas (procissões e festas ao ar livre) nas cidades onde residem, numa tentativa de fazer cair as barreiras da distância física e de tentar aproximar, ao seu espaço quotidiano, as tradições da sua terra natal.

Tal como a maior parte das festas de emigrantes portugueses no estrangeiro, os arraiais dedicados à devoção de Nossa Senhora do Monte procuraram seguir à risca os mesmos rituais que são feitos na *romaria-mãe* realizada na Madeira³¹. Encontramos esta permanência no primeiro relato que conhecemos do referido culto no estrangeiro, que nos remonta para o ano de 1902 e tem como local as ilhas do Havai (então denominadas de ilhas Sandwich) onde existiu uma grande comunidade de madeirenses e açorianos que trabalhavam nas grandes fazendas de plantações de cana-de-açúcar. Foi com a pretensão de recordarem e de praticarem as tradições da sua terra que, sob a orientação de um conhecido emigrante madeirense de seu nome José Nóbrega do Nascimento, foi erguido, no vale do Kalihi, um templo dedicado a Nossa Senhora do Monte, onde seria celebrada, na data correspondente, a sua romaria com alguns dos ingredientes fundamentais da festa realizada na Madeira, tais como a missa e a procissão, a apresentação de bandas filarmónicas de emigrantes portugueses, a gastronomia regional, chegando até nós registos de quadras cantadas e tocadas em honra à Virgem do Monte, que são em tudo semelhantes às entoadas na Madeira:

*Vamos todos em romaria,
Ao lindo vale do Monte,
Vamos gozar os frescos
De Nossa Senhora do Monte*

*Era uma vez uma fonte
A correr aos gorgolejos;
Por entre beijos e lágrimas;
Entre lágrimas e beijos ...*

*Nasceu da raiz dos montes,
Abre-se em rosa, na fragua;
Tristes olhos de alegria!
Verdes olhos rasos d' água.*

*Corre, sob o sol estio,
Linda e fresca, meigo rosto...
Parece um dia de Abril
A correr no mês de Agosto!*

*Bebe-a um tojo ressequido,
E logo enverdece, ao sol;
Ave humilde, quando a bebe
Desafia o rouxinol!*

*E lá vai, descendo o Monte
Por onde topa raízes;
Faz de vidas de amargura
Ingênuas vidas felizes³².*

Devemos ainda salientar a grande influência da cultura e património madeirenses nestas paragens do Pacífico, revistas, por exemplo, na adopção local da braguinha (um dos instrumentos de cordas típicos do arquipélago madeirense, utilizado ainda hoje nas romarias de toda a ilha) que, tal como o culto de Nossa Senhora do Monte, acompanhou os emigrantes para o Havai, no início do século XX, sendo hoje conhecido como *ukelele*, um dos principais instrumentos de música havaiana, que é parte integrante do seu património cultural mais actual.

Para além das referidas ilhas paradisíacas, a Romaria de Nossa Senhora do Monte era também celebrada na Guiana (então denominada de Demerara), em plena cidade de Georgetown, onde os emigrantes madeirenses, nos primeiros anos do século XX, assistiam às novenas e respectiva festa na *Sacret Hear Church*, tendo, segundo o padre Joaquim Plácido Pereira, [...] *maior entusiasmo e luzimento do que na própria Madeira*. Na mesma altura registamos a edificação de uma ermida a Nossa Senhora do Monte e a subsequente realização da romaria em terras angolanas, no planalto de Moçâmedes (Lugambo), onde, desde 1885, se estabeleceu uma colónia de emigrantes madeirenses³³.

Actualmente, através dos meios de comunicação social, temos conhecimento de que, nos dias 14 e 15 de Agosto, o culto a Nossa Senhora do Monte não se realiza somente naquela freguesia rústica acima do Funchal, mas sim um pouco por todo o mundo, através de arraiais organizados pelos nossos emigrantes, que, para além dos seus compromissos de fé (pagamento de promessas, a missa e a procissão), manifestam também as tradições profanas que modelam a nossa identidade regional, revistas nas danças típicas da ilha (representadas pelos já citados grupos folclóricos), nas ornamentações do arraial (principalmente as bandeiras com a cruz de Cristo), na gastronomia, com a espetada e o bolo do caco, sendo

Refiz um pouco a frase. Vê se te parece bem. estes servidos ao som dos despiques improvisados pelos trovadores e poetas populares que animam a alma da população madeirense que, num momento de êxtase e de euforia, se reencontra arquetipicamente na sua terra natal e nas suas raízes.

Conclusão

Como conclusão, devemos salientar, em primeiro lugar, as características peculiares de algumas romarias portuguesas, constituindo-se num espaço privilegiado para a preservação da memória colectiva, visto serem pontos de convergência de vários elementos tradicionais, bem como de diversas gerações de habitantes regionais. A consequente partilha cultural entre estes dois vectores (património/povo) poderá levar à coesão de uma determinada identidade regional.

Na Romaria de Nossa Senhora do Monte encontramos a união de vários patrimónios regionais (materiais e imateriais), englobados num só património geral que é constituído pela festa em si. Nela estão englobados dois mundos antagónicos – o sagrado e o profano – que se interligam num só espaço, através de várias manifestações que contêm uma matriz cultural específica do sentido de pertença regional.

A fé e a devoção do povo madeirense para com a pequena imagem guardada num templo sagrado fazem com que os romeiros, num movimento cíclico renovado ano após ano, deixem a sua morada e visitem a estância do Monte, levando, para além do seu sentimento religioso, as suas tradições mais características, revistas nas danças, nos instrumentos tradicionais, nos seus cantos de louvor ao orago, nas desgarradas e despiques e na sua gastronomia típica (bolo do caco, rosquilhas, espetada e doces regionais). O espaço profano da romaria abarca em si determinadas características típicas dos vários arraiais madeirenses, através das bandeiras e galhardetes, das ornamentações, das barracas de comes-e-bebes, do já referido *folgado* dos romeiros, bem como especificidades da própria festa, tais como na venda das típicas bonecas de massa.

Para além dos rituais profanos, as manifestações religiosas ligadas ao culto festivo (beber a água na fonte, o pagamento de promessas, a visita ao santuário, as celebrações eucarísticas e a procissão), bem como a própria lenda, que fundamenta a existência do culto, são parte integrante de todo um património específico desta romaria que, mesmo aos olhos de um não-crente como nós, detêm um sentimento de pertença que nos faz identificar com a nossa região.

No culminar de tudo o que temos salientado, encontramos nos emigrantes o testemunho cabal da importância do culto e da Romaria de Nossa Senhora do Monte na identidade específica da Região Autónoma da Madeira. No intuito de conseguirem melhores condições de vida e de trabalho, vários madeirenses deixam o espaço físico da sua terra, mas com eles também emigram as suas tradições, a sua fé e a sua identidade, revistas na realização da festividade incluindo os patrimónios nela inerentes, tais como as danças e cantares, as ornamentações do arraial, a gastronomia e as manifestações de carácter religioso. Eis a prova de que a distância da terra natal não esmorece a fé e o sentimento de pertença.

Considerando a Festa de Nossa Senhora do Monte como património cultural e como um conjunto de patrimónios heterogéneos, ao longo da investigação tentou-se chamar a atenção para algumas perdas patrimoniais que estão iminentes (bonecas de massa, cantares e dançares no espaço profano), tradições que deixaram de se realizar, não significando com isso que sejam perdas irreversíveis (*Casa dos Romeiros*, o *ir à Romaria*, o nome de Maria do Monte), bem como algumas adulterações festivas (críticas à introdução de certo tipo de música no arraial).

De notar que desta lista não fazem parte as manifestações religiosas, talvez por serem controladas por uma instituição (a Igreja Católica) que as regula de modo a não se perderem no tempo, nem perderem o seu sentido religioso. O mesmo poderia ser feito em relação às manifestações profanas patrimoniais (materiais e imateriais), parte integrante da nossa identidade regional, que deveriam estar sob a alçada das instituições culturais regionais, efectuando a recuperação, estudo e promoção do património englobado na Romaria de Nossa Senhora do Monte, bem como o ensinamento da sua importância e especificidade às gerações vindouras. Mediante estas medidas, preservar-se-á a história do arquipélago madeirense e a sua identidade peculiar, fruto da multiplicidade cultural dos primeiros colonos e da interacção do homem com um meio natural rodeado pelo oceano.

Bibliografia

I - Obras consultadas

- AGUIAR, Fernando de, *Cousas da Madeira*, 2 volumes, 2ª edição, Lisboa, Mar Largo, 1951.
- AZEVEDO, Álvaro Rodrigues de, *Romanceiro do Arquipélago da Madeira*, Funchal, Typ. Voz do Povo, 1880.
- AZEVEDO, Carlos Moreira (coord.), *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, vol. 2, Lisboa, Círculo dos Leitores, 2000-2002.
- BARROS, Jorge e COSTA, Soledade Martinho, *Festas e Tradições Portuguesas*, volume - Julho e Agosto, Lisboa, Círculo de Leitores, 2003.
- BRAGA, Teófilo de, *O Povo Português nos Seus Costumes, Crenças e Tradições*, 2 volumes, Lisboa, Dom Quixote, 1985 - 1986.
- CALDEIRA, Abel Marques, *O Funchal no Primeiro Quartel do Século XX (1900-1925)*, Funchal, 1964.
- DUVIGNAU, Jean, *Fête et civilisation*, Paris, Weber, 1973.
- GOMES, J. Reis, «Nossa Senhora do Monte», *Serões*, Lisboa, 2ª série, nº44, Fevereiro de 1909.
- GOMES, Maria de Fátima, «Festas - Romarias na Madeira», *Atlântico*, nº 14, Verão, 1988.
- OLIVEIRA, Ernesto Veiga de, *Festividades Cíclicas em Portugal*, Lisboa, Dom Quixote, 1984.
- PEREIRA, Eduardo C. N., *Ilhas de Zargo*, 2 volumes, Funchal, Câmara Municipal do Funchal, 1989.
- PEREIRA, Joaquim Plácido, *Nossa Senhora do Monte: Padroeira da Ilha*, Funchal, 1914.
- PIO, Manuel Ferreira, *O Monte, Santuário Votivo da Madeira*, 2ª edição aumentada, Funchal, Junta de Freguesia do Monte, 1978.
- RIBEIRO, João Adriano, *Breve Resenha Histórica da Freguesia de Nossa Senhora do Monte*, Funchal, Fundação Berardo, 1991.
- ROCHA-TRINDADE, Maria Beatriz (Coord.), *Espaços de Festa: Permanência e Inovação*, Lisboa, Instituto de Investigação Científica Tropical, 1991.
- SANCHIS, Pierre, *Arraial: Festa de Um Povo - As Romarias Portuguesas*, 2ª edição, Lisboa, Dom Quixote, 1992.
- SILVA, Fernando Augusto da, MENEZES, Carlos Azevedo de, *Elucidário Madeirense*, 3 volumes, Funchal, Secretaria Regional de Turismo e Cultura, 1998.
- SILVA, José M. Azevedo e, *A Madeira e a Construção do Mundo Atlântico (Séculos XV-XVII)*, 2 volumes, Funchal, Secretaria Regional do Turismo e Cultura - Centros de Estudo de História do Atlântico, 1993.
- SILVA, Augusto Santos, *Tempos Cruzados: Um Estudo Interpretativo da Cultura Popular*, Porto, Afrontamento, 1994.
- VASCONCELOS, José Leite de, *Etnografia Portuguesa - tentame de sistematização*, Org. M. Viegas Guerreiro, 9 volumes, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1933.

Falta

VIEIRA, Alberto (Coord.), *História da Madeira*, Funchal, Editorial Eco do Funchal, 2001.

II - Publicações periódicas

Diário Popular (1901 - 1910).

Heraldo da Madeira (1905/1914/1915).

III - Sites da Internet

<http://www.ceha-madeira.net/elucidario/elucidario.htm> (arquivado no dia 21-12-2004 às 19h e 26m).

<http://www.casailhadamadeira.org.br> (arquivado no dia 25-03-05 às 23h e 01m).

<http://www.madeiraarchipelago.com> (arquivado no dia 06-06-05 às 18h e 19m).

NOTAS

¹ José da Silva Lima, «Festas», *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, Carlos Moreira de Azevedo (coord.), Lisboa, Círculo dos Leitores, 2000-2002, p. 252.

² Cf. José Leite de Vasconcelos, *Etnografia Portuguesa - Tentame de Sistematização*, M. Viegas Guerreiro (org.), vol. VIII, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1933, p. 441.

³ Vide, por exemplo, Fernando Augusto da Silva e Carlos Azevedo de Meneses, *Elucidário Madeirense*, vol. 2, Funchal, Secretaria Regional de Turismo e Cultura, 1998, p. 439.

⁴ Maria de Fátima Gomes, «Festas - Romarias na Madeira», *Atlântico*, n.º 14, Verão, 1988, p. 147.

⁵ Pensa-se que a Ermida de Nossa Senhora da Encarnação se situava precisamente no local onde foi elevado o actual Santuário de Nossa Senhora do Monte.

⁶ Fernando de Aguiar, *Cousas da Madeira*, vol. 2, 2ª edição, Lisboa, Mar Largo, 1951, p. 108; Fernando Augusto da Silva e Carlos Azevedo de Meneses, *ob. cit.*, vol. 2, p. 437 a 440; Alberto Vieira (coord.), *História da Madeira*, Funchal, Editorial Eco do Funchal, 2001, p. 79.

⁷ Fernando de Aguiar, *ob. cit.*, pp. 108 a 110.

⁸ Na actualidade esta localidade faz parte da freguesia do Monte.

⁹ Fernando de Aguiar, *ob. cit.*, vol. 2, p.108.

¹⁰ Álvaro Rodrigues de Azevedo, *Romanceiro do Arquipélago da Madeira*, Funchal, Typ. Voz do Povo, 1880, pp. 53-55.

¹¹ Cf. Joaquim Plácido Pereira, *Nossa Senhora do Monte, Padroeira da Ilha*, Funchal, 1914, pp. 33-36; Alberto Vieira (coord.), *ob. cit.*, p. 79.

¹² Cf. Joaquim Plácido Pereira, *ob. cit.*, Funchal, 1914, p. 50; Jorge Barros e Soledade Falta de Martinho Costa, *Festas e Tradições Portuguesas*, volume - Julho e Agosto, Lisboa, Círculo de Leitores, 2003, p. 151.

¹³ «A Romaria do Monte», *Heraldo da Madeira*, 13 de Agosto de 1905, p. 1.

¹⁴ Actualmente, este búzio de abertura larga é utilizado no chamamento de pes-

- soas dos vários sítios da ilha para a sua participação nas *missas do parto* (uma espécie de novenas matutinas realizadas antes da véspera do dia de Natal).
- ¹⁵ «A Romaria do Monte», *Heraldo da Madeira*, 13 de Agosto de 1905, p. 1.
- ¹⁶ *Ibidem*; Manuel Ferreira Pio, *ob.cit.*, pp. 68 e 69. No princípio do século ainda não existia o famoso *brinquinho*, que é actualmente o instrumento madeirense mais conhecido, tendo sido criado somente em 1925.
- ¹⁷ As seguintes quadras encontram-se reproduzidas em Manuel Ferreira Pio, *ob.cit.*, pp. 68 e 69. Na romaria do ano de 2008 presenciámos um grupo de populares que, com algumas variantes, cantaram estas quadras.
- ¹⁸ Cf. J. Reis Gomes, «Nossa Senhora do Monte», *Serões*, Lisboa, 2ª série, nº 44, Fevereiro de 1909, p. 94.
- ¹⁹ *O Caminho do Monte* inicia-se na Rua 31 de Janeiro até à margem esquerda da ribeira de Santa Luzia. Depois da passagem pela Encarnação, os romeiros seguiam até Santa Luzia, onde se avista lá ao fundo, na direcção da montanha, o santuário da Senhora do Monte.
- ²⁰ *Ibidem*. Na actualidade, os carros do Monte são um dos maiores ex-líbris do turismo madeirense, escolhidos preferencialmente pelos que visitam a ilha na sua deslocação desde o alto da freguesia do Monte até à zona baixa do centro do Funchal, num total de cinco quilómetros feitos somente em cinco minutos.
- ²¹ Cf. Manuel Ferreira Pio, *ob. cit.*, p.110.
- ²² Entenda-se por «violentas», as que impliquem mazelas físicas ou um esforço considerável.
- ²³ Cf. Plácido Pereira, *ob. cit.*, p. 50; J. Reis Gomes, *ob. cit.*, p. 94.
- ²⁴ Damos como exemplo as bandeiras captadas na fotografia da capa deste trabalho.
- ²⁵ J. Reis Gomes, *ob. cit.*, p. 97.
- ²⁶ Encontramos informações da presença destas casas, no passado, em outros locais da ilha (Câmara de Lobos, Santo da Serra, Porto Moniz e Ponta Delgada) com a função de albergar, nas festividades religiosas, os romeiros de localidades distantes. Cf. Eduardo C. N. Pereira, *Ilhas de Zargo*, vol. 2, Funchal, Câmara Municipal do Funchal, 1989, p. 499.
- ²⁷ Vide Alberto Vieira (coord.), *ob. cit.*, p. 249.
- ²⁸ Cf. Joaquim Plácido Pereira, *ob. cit.*, p. 51 a 52.
- ²⁹ Tenha-se como exemplo o artigo «Novenas de Nossa Senhora do Monte», *Diário Popular*, 11 de Agosto de 1904, p. 1.
- ³⁰ *Ibidem*.
- ³¹ Maria Beatriz Rocha-Trindade, «Festa de Migrantes», *Espaços de Festa: Permanência e Inovação*, Lisboa, Instituto de Investigação Científica Tropical, 1991, p. 55.
- ³² Cf. Joaquim Plácido Pereira, *ob. cit.*, p. 48.
- ³³ *Idem*, pp. 53-54.

Índice

Introdução	
1- A génese do culto de Nossa Senhora do Monte e a sua importância na religiosidade madeirense	
2- A romaria e os seus rituais	
a) <i>O ir à romaria</i>	
b) Manifestações religiosas.....	
c) Manifestações profanas (o arraial).....	
3- Os emigrantes e a <i>exportação</i> do culto de Nossa Senhora do Monte ..	
Conclusão	
Bibliografia	